

FETZER, Jamestt

PHILOSOPHY AND COGNITIVE SCIENCE, New York: Paragon House, 1991, 170 páginas. coleção "Paragon issues in philosophy" (11, 99 libras).

Quando escreveu este livro, Fetzer era chefe do Departamento de Filosofia da University of Minnesota (Duluth). Ele publicou, antes deste, outros dois livros [**Scientific knowledge** (1981) e **Artificial intelligence** (1989)] e uma dúzia de artigos. A par disso, foi organizador de cinco antologias e co-organizador de mais duas - quase todas ligadas aos problemas da cognição (via "mind", linguagem e inteligência artificial). A série da Paragon em que apareceu a obra de Fetzer, contava com nove títulos, em 1991, e anunciava outros sete - voltados para a mulher (**Women and the history of philosophy, Feminism and philosophy**), o direito, a política e a tecnologia.

No prefácio, o autor nota que a **ciência cognitiva** examina a cognição (em seres humanos e em outros animais - e em máquinas, caso se admita essa possibilidade). A **computação** volta-se para questões que as máquinas resolvem (sem se preocupar com o fato de seres humanos poderem, ou não, resolvê-las). A **inteligência artificial**, enfim, tenta investigar até que ponto as máquinas poderiam "capturar" aspectos do pensamento humano.

Isso posto, Fetzer indaga se existe uma **ciência da cognição**. Há muitas maneiras de explicar o comportamento humano. Algumas teorias são não-científicas, pouco dignas de crédito, na atualidade. Entre elas estariam a teoria "divina" (Deus é o responsável por tudo que ocorre); a teoria "do acaso" (tudo ocorre por acaso); e a teoria "do homúnculo" (há um *homúnculo* em cada cérebro). Existem, no entanto, algumas teorias que têm procurado fundamento na ciência. Assim, p. ex., a teoria do tipo somático (a personalidade varia com o tipo do corpo);

a teoria comportamental (comportamentos são previsíveis de acordo com o tipo de corpo e de acordo com a história desse corpo); e a teoria genética (comportamentos dependem do organismo e de como interage com o meio). Para Fetzer, *o comportamento depende de estados mentais* e é **indispensável** considerá-los - porque não se reduzem a estados do cérebro.

No capítulo dois, o autor compara mentes e máquinas. Seria viável equiparar pensamento e computabilidade? O "referencial computacional" tornou-se muito atraente como via de acesso para compreender o funcionamento de máquinas digitais e de seres humanos. Não basta, porém, que um referencial seja atraente; é preciso que se mostre correto. A análise da correção do referencial computacional se tem revelado muito complexa. Em verdade, ainda não alcançamos resultados satisfatórios ao comparar mentes humanas a sistemas formais.

No capítulo três, Fetzer discute a linguagem. De acordo com muitos estudiosos, a capacidade de usar uma linguagem seria traço característico dos seres humanos. Aparentemente, no entanto, o pensamento não se limita ao uso da linguagem; manifesta-se, também, por via de imagens. Assim, o pensamento, segundo outros autores, é mais do que capacidade de manipular símbolos. Dito de outro modo, a linguagem é mais do que a coleção de suas propriedades formais.

Ainda que se equipare o pensamento à linguagem, fica em aberto problema de saber como a linguagem associa palavras a coisas - permitindo a representação da realidade. Alguns estudiosos tentaram resolver esse problema sugerindo que os nomes adquirem seus referentes (aquilo que eles representam) em virtude de relações causais que vigem entre a pessoa que aprende a língua e a coisa que recebe o nome. Essa "teoria causal do significado", entretanto, segundo Fetzer, não recebeu (nem merece) apreciável adesão.

No capítulo quatro, o autor discute *amentalidade*. Focaliza, de início, a intencionalidade, especialmente enquanto fruto de emprego de expressões como "sabe que", "acredita que" e "pensa que".

Recapitulando algumas noções introduzidas na literatura filosófica por C. S. Peirce (1839-1914), o autor observa que a teoria dos signos de Peirce sugere erigir uma correspondente teoria da mente. De maneira bem resumida, "minds are sign-using systems". Assim, Fetzer propõe que existam mentes usuárias de ícones, mentes usuárias de índices e mentes usuárias de símbolos.

Em paralelo, Fetzer lembra os quatro níveis de linguagem descritos por Karl Popper: (1) expressivo, de animais e plantas; (2) da "sinalização", presente em alguns animais (p. ex., abelhas); (3) descritivo, manifesto em seres humanos; e (4) argumentativo, típico dos seres humanos. A capacidade de argumentar seria, pois, indício claro de existência de **mentalidade**. Além desse nível, porém, segundo Fetzer, existiria um nível ainda mais elevado de mentalidade, claramente percebido na capacidade de criticar. O autor assegura que a teoria das *mentes como sistemas semióticos* supera todas as demais teorias até hoje formuladas nesse âmbito.

A seguir (cap. 5), examina-se a questão do significado. Ainda numa linha peirceana, o autor sugere que o significado (de certos termos "primitivos" básicos) estaria assentado em hábitos, tendências e disposições que eles geram. Com respeito a esses termos básicos, é preciso notar **como são usados** - sem indagar de significados. Em suma: uma teoria do significado exige, antes, uma teoria da ação. (Cumpra-se notar que uma teoria da ação, para Fetzer, dá por estabelecido que ação e comportamento, em nível humano, são coisas inteiramente distintas!) De acordo com o autor, "*dominar*" uma linguagem é muito mais uma habilidade do que um estado, muito mais um "saber como" do que um "saber que". Isso posto, Fetzer diz que um sistema é **consciente** (relativamente a certa classe de signos) se (1) tem a habilidade de usar tais signos e (2) tem a capacidade de se valer dessa habilidade.

A seguir, Fetzer analisa o desenvolvimento mental (cap. 6). Entende que dois estados mentais específicos (p. ex., motivos ou crenças) são de mesma espécie quando e somente quando admitem as mesmas causas e os mesmos efeitos possíveis. Assim, dizem-se

funcionalmente similares os sistemas semióticos que podem ser afetados pelas mesmas causas e que produzem os mesmos efeitos. A esperança do autor é a formular leis de desenvolvimento que associem genes a corpos, a mentes e a comportamentos. Enfim, "mentes" são entendidas como "predisposições de especificar certos comportamentos que envolvam a utilização de signos".

Nos dois capítulos finais, Fetzer examina a questão da racionalidade e da moralidade. Aquela é examinada à luz da capacidade de argumentar (usar a lógica) - sobretudo para orientação das ações. No que respeita à moralidade, o autor defende um "determinismo fraco", onde a causação abra margem para que o ser humano seja (moralmente) responsável pelas suas ações.

Encerrando, cabe dizer que Fetzer lança, em certas passagens, algumas curiosas sugestões. Todavia, não dá, ao que expõe, a coerência que um leigo desejaria, perdendo-se em meandros nem sempre claramente associados ao tema central de sua análise. Em todo caso, o livro parece útil e merece atenção pelas propostas genéricas aí formuladas.

Leonidas Hegenberg